

Moana: um olhar para as relações intergeracionais¹

Verônica Bohm²

Marli Cristina Tasca Marangoni³

Flávia Brocchetto Ramos⁴

Resumo: O artigo analisa a construção discursiva do artefato cultural *Moana*: um mar de aventuras (2016), buscando aproximações entre linguagem fílmica e relações intergeracionais. Para tal, conceitos de geração, aspectos da sociedade atual e do envelhecimento humano foram abordados. O mote em *Moana* tem engajamento social relevante, abandonando a imagem frágil e indefesa das princesas, colocando como protagonista uma jovem, que tem na avó a segurança e orientação necessária para enfrentar os desafios da vida. Resultados apontam que a sociedade se enriquece com o convívio intergeracional, quando este é pautado pelo respeito. *Moana* resgata a importância do coletivo, das tradições, do respeito ao outro, mostrando os ganhos na convivência com as diferenças, incluindo aí as geracionais.

68

Palavras-chave: Velhice. Infância. Educação pelo cinema.

¹ Estudo produzido no âmbito da pesquisa coordenada pela professora Verônica Bohm.

² Psicóloga, professora de graduação no departamento de Psicologia da Universidade de Caxias do Sul e professora colaboradora no programa de Mestrado em Educação na mesma instituição. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7073-6297>

³ Doutora em Educação pela Universidade de Caxias do Sul. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2581-5404>

⁴ Docente e Coordenadora da pós-graduação strictu sensu em Educação da Universidade de Caxias do Sul. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1488-0534>

Abstract: The article analyzes the discursive construction of the Moana cultural artifact: a sea of adventures (2016), seeking approximations between film language and intergenerational relations. To this end, concepts of generation, aspects of current society and human aging were addressed. The motto in Moana has relevant social engagement, abandoning the fragile and defenseless image of the princesses, placing as protagonist a young woman, who has in her grandmother the security and guidance necessary to face the challenges of life. Results point to the richness that represents intergenerational living for society, when guided by respect. Moana rescues the importance of the collective, of the traditions, of the respect to the other, showing the gains as human, when living with the differences, including the generational ones.

69

Keywords: Old age. Childhood. Education through cinema.

Introdução

Com o advento do capitalismo, da globalização e das novas tecnologias de comunicação e informação, passamos a viver em uma sociedade extremamente veloz, caracterizada pela efemeridade. Tal constatação encontra respaldo na análise feita por Bauman (2001), quando escreve sobre a fluidez da contemporaneidade. O autor utiliza a metáfora da “modernidade líquida”, mostrando que o seguro, sólido, no passado, derrete-se de maneira fugaz. Os objetos, as relações, os sonhos tendem a desaparecer com a mesma velocidade com que surgem. Nossos portos de ancoragem sumiram, obrigando-nos a navegar constantemente, mesmo sem saber, por vezes, para aonde. O famoso verso do poeta Vinícius de Moraes em *Soneto da Fidelidade*, “mas que seja infinito enquanto dure” (1960, p. 96), foi eternizado não apenas pela maestria do autor, mas também por sintetizar a forma como muitas pessoas vivem hoje: importa o agora que já desaparece. A arte tem disso, em poucas palavras, em alguns traços, em meia dúzia de notas, em uma cena, consegue capturar e revelar a essência do que está posto na maneira de se viver em dado momento histórico.

E como ficam os velhos diante de mundo tão veloz, quando o ritmo do corpo e da mente podem estar em compassos diferentes daquele imposto pela sociedade? Que lugar cabe a eles na sociedade que pulsa freneticamente, nem sempre sabendo para quê e para aonde? E as crianças? Como prepará-las para o mundo que nos é apresentado tendo demandas que mudam a cada instante? E esse espaço entre as gerações de velhos e crianças, que parece, por vezes, ganhar uma dimensão intransponível, mas que, ao mesmo tempo, mostra-se receptivo à mínima tentativa de aproximação?

Como dissemos, a arte carrega uma potência para ajudar na compreensão das questões do mundo. Nesse sentido, entendemos o cinema como importante artefato, o qual não é apenas produto da cultura, mas ferramenta que a constrói, possibilitando leitura contextualizada de determinado cenário. A interpretação não é absoluta, uma vez que os significados dos artefatos se modificam ao longo dos tempos e das culturas (ANDRADE, 2015). Esses objetos vão moldando os olhares das pessoas que os acessam sem que, muitas vezes, estas tenham consciência do impacto que podem ter em suas vidas, o que vai transformando as relações interpessoais e, com isso, a comunidade. Dessa forma, os artefatos vão

contribuindo para a constituição de sujeitos que, se não tiverem condições de avaliar criticamente os conteúdos apresentados, vão assimilá-los sem perceber, tornando-os fonte de atitudes positivas ou base para preconceitos.

Pelo poder que esses artefatos carregam, merecem atenção especial quando são apresentados para crianças. Neste artigo, propomos uma análise da construção discursiva do filme *Moana*, lançado pela Disney em 2016. Buscam-se, aqui, aproximações entre a linguagem fílmica e as relações intergeracionais entre velhos e crianças.

Revisitando o conceito de geração

Determinar marcos de início e término de uma geração tem sido objeto de estudo há muito tempo, como é possível constatar pela obra do alemão Karl Mannheim, de 1928. De lá para cá, muitos autores têm estudado o tema: de forma direta, tendo o conceito de geração como objeto de investigação; estudando gerações específicas; ou, como é o caso deste estudo, debruçando-se sobre as relações intergeracionais. Esses últimos estudos, intensificaram-se significativamente em decorrência do envelhecimento populacional. Embora a velhice não seja algo novo na sociedade, como mostram Beauvoir (2018) e Minois (1999), quando trazem relatos de pessoas longevas nas sociedades primitivas, nunca, na história da humanidade, houve um número tão expressivo de velhos, o que vem a ser um problema estrutural para muitos países.

Segundo Camarano e Kanso (2016), em 2010, 11% da população brasileira era constituída de pessoas com idade igual ou superior a sessenta anos. Percentual que impressiona, pois, 70 anos antes, em 1940, tal fatia da população era de 4,1%, e a taxa de natalidade se mostrava em expansão, diferente de hoje. Entre as décadas de 1950 e 1970, do século passado, o índice de crescimento da população chegou a 3% ao ano. As autoras afirmam que, a partir de 2030, haverá um impacto ainda maior no envelhecimento populacional brasileiro, pois o único grupo que seguirá crescendo é o das pessoas com idade igual ou superior a 45 anos, apontando para o início do encolhimento da população, o que causa problemas estruturais graves, entre eles a redução da força de trabalho e o aumento da demanda por serviços de saúde e assistenciais.

Outra mudança que vem sendo percebida, segundo Camarano (2016), é a transformação na estrutura familiar: as famílias estão diminuindo horizontalmente, em função da redução do número de filhos, mas aumentando

verticalmente, pois há mais gerações convivendo simultaneamente. Em outras palavras, nascem menos crianças, mas as pessoas estão durando mais tempo, não sendo raro encontrarmos centenários (mais de 17.000 pessoas segundo CENSO de 2010 - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Tal mudança na estrutura das famílias contribui para maior convivência entre inúmeras gerações, situação que pode ser fonte de suporte e/ou conflito. Nesse sentido, revisitar o que diferentes autores escreveram sobre o conceito de geração é imperativo na busca de compreender melhor as relações entre crianças e velhos.

Definir “geração” não tem se mostrado tarefa simples, pois o conceito tende a ir se transformando ao longo da história dos povos. Assim como as etapas da vida se transformam, inventa-se a infância (ARIÈS, 1981), repensa-se a adolescência (GURSKI e PEREIRA, 2016), lançam-se novas fases, como a gerontolescência (ILC-Brasil, 2015), designando o período de transição entre a adultez e a velhice.

Côrte e Ferrigno (2016) iniciam importante artigo sobre programas intergeracionais apresentando dois sentidos para o conceito de geração. O primeiro se relaciona à biologia, vinculando geração à herança genética. O segundo sentido busca amparo nas ciências sociais e é subdividido em três correntes. A primeira delas relaciona geração à coorte, tendo o período de nascimento de um grupo de pessoas como marcador da geração a qual pertencem. Outra corrente entende o termo de acordo com os diferentes níveis hierárquicos que as pessoas ocupam nas famílias. E a terceira corrente apontada, embora de difícil exatidão, considera o espaço de tempo entre diferentes grupos, sendo, na maioria das vezes, o espaço de 25 a 30 anos o definidor de uma nova geração.

Doll (2012) pesquisou a obra de Mannheim, escrita em alemão, e traduziu elementos centrais para o português. Mannheim inicia seu texto com análise positivista do conceito, a partir de Comte, afirmando que a velocidade com que as gerações se sucedem tem relação direta com o desenvolvimento humano. Quanto maior o desenvolvimento humano, menor o tempo que separa uma geração da outra. Para Comte, a permanência dos mais velhos como protagonistas retardaria o desenvolvimento da sociedade, pois estaria a serviço da manutenção, do conservadorismo. Contudo, Mannheim critica tal posicionamento ao afirmar que a sociedade nunca se desenvolveu tanto quanto nas últimas décadas, período em que o envelhecimento humano cresceu exponencialmente. Também chama a atenção

para uma visão estereotipada que coloca os mais velhos como conservadores e os jovens como revolucionários.

Na sequência, Mannheim busca em perspectiva alemã histórico-romântica, a partir de Dilthey, visão mais arejada de geração. Nela, os aspectos qualitativos se sobrepõem em relação à questão cronológica. O que fica em relevo na perspectiva é a simultaneidade das experiências, compreendendo geração como sendo constituída por sujeitos que compartilham a vivência de determinado momento histórico-cultural, mesmo que possam significá-lo de forma distinta.

Todavia, para Mannheim, as duas perspectivas por ele apresentadas não dão conta de circunscrever o conceito de geração de forma satisfatória, pois permanece o hiato entre a percepção biológica (positivista) e a intelectual (histórico-romântica). Esta é constituída a partir da perspectiva sociológica. Segundo o autor, as pessoas pertencentes a uma geração compartilham um mesmo posicionamento, embora nem sempre tenham clareza disso. Não há um marcador cronológico definindo geração biologicamente, mas vivências e posicionamentos simultâneos que ligam as pessoas mesmo sem tal intenção. Doll (2012) ressalta que o que vincula as pessoas de uma mesma geração não é o fato de pensarem da mesma forma, pois isso não ocorre, mas a presença de referenciais objetivos para determinado grupo. Uma guerra, um período de ditadura e de liberdade sexual podem ser marcos referenciais concretos, cuja existência não pode ser negada, mesmo por quem não é diretamente atingido/ envolvido.

Essa explanação é importante pela possibilidade que oferece à compreensão das relações intergeracionais, para além do fator cronológico. Em estudo realizado por Baltes e Staudinger (1996), expondo problemas existenciais a velhos e crianças, constatou-se que as soluções encontradas através das relações entre os dois grupos foram complexas e eficazes para ambos. Todavia, é sabido que a plasticidade comportamental tende a diminuir com o avançar dos anos, uma vez que as pessoas ficam menos responsivas aos recursos culturais (BALTES, 1997). Nesse sentido, é preciso destacar que a diminuição da plasticidade por si só, não compromete a qualidade das relações intergeracionais. No momento em que pessoas de distintas gerações interagem, a forma como significam tais relações pode ser muito diferente, pois o significado compartilhado por uma geração não é o mesmo que liga as pessoas de outra geração. O conceito de *geração*, assim compreendido, servirá como norteador para a análise que faremos em relação

à construção discursiva apresentada no filme *Moana*. Este artefato cultural foi escolhido em virtude dos ricos elementos que possibilitam a discussão sobre convívio intergeracional.

Moana: um reencontro com o essencial

Meus pés deslizam na água/ adoro o seu vai-e-vem/
A água faz só o que quer/ não liga pra mais ninguém.

(avó Tala na canção “Seu lugar”.
In: *Moana: um mar de aventuras*, 2016)

O cinema, como produção cultural, catalisa formas de viver e atua como poderoso agente no processo de subjetivação das pessoas (GUATTARI, ROLNIK, 2005). Ao mesmo tempo em que suas narrativas espelham a sociedade, os discursos verbais e não verbais nele construídos agem como dispositivo que afeta a subjetividade, desde sempre. Dessa forma, os artefatos culturais desenvolvidos para as crianças, no geral, apresentam, pelas imagens e pela linguagem infantil, questões existenciais, as quais vão sendo introjetadas e significadas pelos pequenos.

Para iniciar a análise do filme, cabe chamar atenção para os riscos das traduções dos títulos. Na obra original, o filme se intitula “*Moana: o oceano está chamando*”, na versão brasileira ficou “*Moana: um mar de aventuras*”. Essa menção se torna necessária porque o “mergulho” no oceano significa o resgate de questões fundantes daquele povo. Significado completamente distinto é mobilizado quando empregada a palavra “aventuras”, a qual é facilmente vinculada à diversão e à superficialidade, desviando do título a questão central do enredo.

O filme *Moana* ganhou realce nesta análise, até mesmo pela forma que inicia: com um momento de contação de histórias. A cena inicial aponta para o elemento norteador da obra, que são as relações intergeracionais. Enquanto a avó, Tala, apresentava a narrativa, Moana estava completamente embebida naquele universo. Crianças fascinadas, envolvidas pela habilidade de uma velha ao contar a história que era, na verdade, a de seu povo. Tal narrativa explicita a importância dada a todos os elementos que constituem uma história: enredo, personagens, emoção, imagens, entonação de voz, expressão facial e imaginação. Com maestria, as crianças “embarcaram” na aventura. Ao perceber o envolvimento dos pequenos com a narrativa da avó, o pai de Moana, o chefe Tui, interrompe de forma abrupta

e briga com sua mãe por apresentar às crianças uma questão traumática para muitos daquele lugar, a finitude de todos. Chefe Tui não concordava com a transmissão da história à geração seguinte, pois acreditava que, dar continuidade àquelas questões, só traria sofrimento.

Quanto à relação do chefe Tui com Tala, Beauvoir (2018) menciona a dificuldade que filhos podem ter em lidar com pais velhos. Uma possível explicação para isso seria a dificuldade de os filhos reconhecerem a finitude dos pais e, conseqüentemente, a própria finitude. Para a autora, as gerações que nos antecedem transmitem a sensação de servirem como escudos para a nossa morte. Quanto mais gerações antecedentes tivermos, pais, avós, bisavós, mais parece que a morte fica distante. Todavia, nos momentos em que esses escudos se vão, e que um último escudo se fragiliza, as relações podem ficar mais tensas, pois além da perda do genitor, ganha destaque a morte de cada um.

A finitude aparece de forma concreta, no filme, com a morte de Tala. Embora seja mostrada como uma perda bastante sentida por Moana, como é a morte das pessoas que nos são caras, a narrativa proferida pela avó deixa claro: tudo o que se viveu, ensinou-se e se aprendeu não acaba aí. Py (2016) afirma que o ser humano é mortal, porém, é um ser que carrega a capacidade de se imortalizar nos outros. Quando Tala tranquiliza a neta de que sempre estará com ela, não é fazendo alusão a crenças religiosas, mas por estar certa da presença de ensinamentos em Moana. Nesse sentido, Py responsabiliza a todos em relação à imortalidade, sugerindo que as pessoas reflitam sobre o que fazem para se imortalizarem nos outros. Da mesma forma, aos que ficam é dada a responsabilidade de carregar essas pessoas junto a si, não como fardo, mas como conteúdo, suporte, enriquecimento. Tudo indica que Tala, a avó, alcançou a eternidade, a qual, no ponto de vista de Alves (2008), “Não é o tempo sem fim (...). Eternidade é tempo completo” (p.162). Tal completude pode ser inferida na serenidade de Tala ao falar sobre sua morte à Moana, deixando legado às futuras gerações.

O tensionamento entre três gerações está em destaque, e é possível reconhecer a força da morte como lastro da narrativa. Tala se mostra tranquila em relação aos julgamentos alheios, repleta de sabedoria. Mérito de quem conseguiu aprender com as experiências de uma vida, de fato, vivida. Não temia ser considerada uma bruxa, privilégio, quiçá, de velhos sábios, os quais podem, com a força que carregam, mudar destinos. Privilégio que encontramos em obra

de Rubem Alves (2008). Quando escreve sobre a velhice, o autor conta que, no Japão, apenas os sexagenários tinham o direito de comprar e usar blazer vermelho, cor atribuída aos deuses, aos quais se atribui poder supremo e são referências para um povo.

Ao mesmo tempo em que o pai de Moana não queria que a história contada por sua mãe tivesse continuidade naquela comunidade, mostrava a relevância das tradições, dos antepassados à filha. Marco significativo na narrativa é a fala de Tui à Moana sobre a importância da colocação da sua pedra sobre as outras colocadas pelos antepassados que chefiaram aquele povo. Ato repleto de valor simbólico, em que a colocação da pedra equivaleria ao principal reconhecimento do poder de um líder.

Diferente da imagem de indefesas e frágeis, obra analisada aborda as mulheres como protagonistas de uma sociedade. A avó, portadora do conhecimento, responsável pela transmissão deste às novas gerações, e Moana, jovem determinada, que percebe suas fragilidades, mas não se desencoraja diante dos desafios. Tais provas são apresentadas a ela pela avó e rejeitadas pelo pai, que fracassou em tentativa de enfrentar o oceano e, por proteção, não permite que Moana se entregue a algo quase instintivo, o chamamento das águas. Essa mudança na forma de apresentar as personagens em função do gênero vai ao encontro da postura de parte da sociedade atual que tem enaltecido uma atuação mais forte e real das mulheres. Não é possível generalizar tal movimento, quando existem países onde mulheres seguem não tendo direito a expressar suas opiniões, a decidir sobre seus corpos, a ser quem são. No entanto, muito se avançou, e o fato de obras infantis apresentarem personagens femininos distantes da princesa indefesa, merece relevo, em decorrência do possível efeito na subjetivação de crianças.

Nesse contexto, no qual questões de gênero e de gerações estão articuladas, Tui se apresenta como um homem no auge da sua força física, chefe de um povo, mas que não carrega mais a coragem de enfrentar todos os desafios que se apresentam, pois teme as consequências de algumas ações. E aí vem Moana, uma jovem corajosa. Embora tenha temores, supera-os em busca daquilo que acredita, sem considerar efeitos indesejados de seus atos. Inspirada pela avó, que a provoca a atender o chamado das águas e a fortalece em meio à viagem, Moana enfrenta o oceano e consegue encontrar a solução para os problemas de seu povo.

Nessa narrativa, velho e jovem se tornam cruciais para a manutenção da sociedade representada. Sabedoria e serenidade se encontram com vigor físico e coragem.

A busca que orienta o percurso da protagonista tem como foco a salvação da aldeia. Mas esse objetivo só pode ser alcançado por Moana se ela responder a dois questionamentos: quem sou eu? qual é o meu lugar? Ora, a resposta a essas questões que, em última instância, constituem provocações para todo ser humano, é encontrada quando se olha para o passado e se dá sentido a ele. Por isso, a atuação da avó é decisiva a Moana, ao iniciá-la nas histórias de outrora e ao apontar-lhe o caminho do mar. Um trajeto subjetivo de descoberta e autoconstrução, mediado pela presença de Tala, desenvolve-se paralelamente à navegação de Moana pelo mar aberto.

A epígrafe que inicia este tópico focaliza o vai-e-vem das águas, ensejando também as tensões que caracterizam as relações intergeracionais. Assim como as ondas no oceano, sucedem-se as gerações, que se vão enquanto outras vêm. Os projetos, como o mar, recuam e se afastam da praia para depois voltarem a ela. Tala aprecia a desobediência da água e aprendeu com o mar a assumir quem é, sem intimidar-se pela desaprovação alheia e, assim, ensina Moana a seguir o seu caminho e sua intuição.

A avó conhece o seu papel na aldeia e se dedica a cumpri-lo, mesmo que isso a coloque em posição divergente em relação aos demais. Enquanto todos olham para a terra e celebram suas colheitas, Tala olha para o mar e dança diante dele. Ela constitui o elo com passado remoto, quando sua comunidade, então composta por viajantes e exploradores, nutria uma relação profunda com o oceano. A velha canta que todos a consideram louca, mas isso não importa, porque, cumprindo sua missão na aldeia, ela é quem precisa ser e “quem aprende a ser feliz não volta atrás”. A associação entre velhice e loucura não é rara, e leva a uma postura de desvalorização e descrédito em relação ao velho, atribuindo-lhe a impossibilidade de manter sua autonomia e a precariedade de condições para o autogoverno

No entanto, pagando o preço da solidão e da incompreensão, Tala mostra uma lucidez espantosa em relação a si mesma e aos outros, à vida e à morte, ao passado e ao porvir. À revelia do chefe, seu filho, ela atua como líder, iniciando Moana nas tradições ocultadas e incentivando a neta a realizar um enfrentamento importante para si e para a comunidade. Suas intervenções se dão na esfera do privado, para que Moana assuma o protagonismo.

Como guardiã, a avó não apenas zela pelo passado silenciado, mas mobiliza Moana a restaurar a ligação do povo com o mar, abrindo-lhe horizontes e ultrapassando a fronteira do espaço conhecido e seguro, representada pela barreira de corais. Ao descobrir quem é, Moana descobre que o seu lugar está entre sua comunidade e o mar, e se instrumentaliza para conduzir sua gente através da superfície das águas. O legado de Moana é simbolizado pela concha (advinda das profundezas do mar), que ela deposita sobre a torre de pedras (elemento ligado à terra) dos chefes antepassados.

A sabedoria atribuída à avó tenta resgatar o lugar que os velhos tinham em algumas sociedades no passado. Em interessante revisão sobre sabedoria e envelhecimento, Paula (2016) retorna à Grécia Antiga, mostrando que a adulez iniciava apenas por volta dos 40 anos de idade. Segundo o autor, esse era o momento em que as pessoas estariam no auge das suas capacidades físicas e intelectuais; marco para a conquista da sabedoria. Para os gregos antigos, o processo da conquista da sabedoria era concluído apenas na velhice.

Nesse mesmo sentido, Cícero (1997), romano que viveu a 106 anos a.C., afirmava que sabedoria era privilégio de velhos. Para ele, nem todos velhos eram sábios, mas apenas velhos poderiam ser, pois eram os que conseguiam aglutinar experiência de vida com conhecimento. Os velhos que fossem capazes de aprender, compreender e/ou transformar questões da vida, eram reconhecidamente velhos sábios.

Todavia, essa visão de sabedoria rapidamente se transformou, baseada em uma corrente econômica, não mais filosófica. Segundo Paula (2016), o avanço do capitalismo foi um marcador importante para que a relação entre sabedoria e velhice fosse se rompendo. A característica deixa de ser relacionada aos velhos, fato associado à perda de vigor físico, e, muitas vezes, à redução de poder aquisitivo. O lugar dos velhos em sociedades pós-modernas passou a ser o *não-lugar* (MEDEIROS, 2004).

Considerações finais

Não é de hoje que o cinema tem dado atenção especial ao público infantil. *O Maravilhoso Mágico de Oz*, de 1939, baseado na obra de Frank Baum (1900), já demonstrava cuidado especial para alcançar as crianças. Nesses quase 80 anos, inquestionáveis e imensuráveis foram os avanços tecnológicos que transformaram diversos elementos que constituem a sétima arte. Contudo, um elemento se manteve nas boas produções: a definição de mote que dialogue com questões existenciais, independentemente do *cronos*. Talvez aqui esteja a razão para que os contos de fada clássicos se mantenham atuais, mesmo em tempos em que o efêmero parece prevalecer. Em um movimento relativamente recente, *Walt Disney Pictures* vem abordando temas sociais mais relevantes, abandonando o universo utópico perfeito de histórias antigas e retratando minorias e temas socialmente importantes.

Em *Moana*, inúmeras são as questões abordadas, embora apenas algumas tenham sido objeto de discussão neste artigo. O envelhecimento da população tem se mostrado problema importante em muitos países de distintos continentes. Diferente da forma como os velhos apareciam nos filmes antigos (o filme da Branca de Neve é um exemplo), tal temática tem sido apresentada de modo a provocar reflexões importantes. É possível constatar o feito em obras como *Enrolados* (2011), em que o pano de fundo é o envelhecimento feminino; *UP- Altas Aventuras* (2009), quando discutem o impacto das transformações urbanas; e *Moana* (2016). *Moana* potencializa o lugar da velhice como ancoradouro da sabedoria. Fase que carrega as experiências e aprendizados de uma vida, sendo capaz de orientar os mais jovens, sem a preocupação relativa de julgar o pensamento alheio, mas enaltecendo o respeito em relação ao ser humano. *Moana* respeitava e admirava muito sua avó, mas Tala nunca subjugou a neta, pelo contrário, enxergava na menina potência e um horizonte de possibilidades. Na convivência entre avó e neta, o respeito foi se estabelecendo, não pela imposição da idade de cada personagem, mas pela relação afetiva e respeitosa construída ao longo da vida.

A convivência entre velhos e crianças, tanto na vida como no enredo, mostra-se benéfica para ambos. Como visto, há uma tendência da plasticidade comportamental reduzir conforme a idade aumenta. Tal constatação não significa que os mais velhos não possam mudar. No entanto, tendem a ser mais resistentes,

o que, talvez, contribua para a manutenção do vínculo com o passado e, no caso de Tala, com a essência do seu povo. Embora sob o rótulo frequente de conservadora e saudosista, a atuação do velho, a exemplo do que se vê em *Moana*, delinea-se como força de estabilidade e de reação, visando à sobrevivência do grupo social.

A relação que se estabelece entre avó e neta se sustenta na cumplicidade, na admiração mútua e na identificação. Os laços entre essas duas etapas da vida possibilitam romper a estagnação e o temor que colocam em risco a comunidade. Investida da força da avó e da autoridade concedida pela sua experiência, Moana guia sua aldeia a uma possibilidade de futuro, restaurando a perspectiva de continuidade do grupo, que faz as pazes com o passado longínquo.

O velho e o jovem costumam ter suas ações tuteladas, pois se considera que necessitam de acompanhamento. A convivência entre a velhice e a mocidade fortalece a ambas e se torna inspiradora para avó e neta: a avó assume a iniciação da neta como projeto de vida; a neta contraria o lugar confortável que lhe querem dar, e se capacita para assumir a posição de liderança à sua maneira.

Em *Moana*, minorias, as quais nem sempre são constituídas pelas menores parcelas da população, mas por aqueles que têm menos poder, são representadas e lançam um olhar encorajador para os desafios da vida. A importância da convivência entre todos é o grande mote da obra. Em uma sociedade individualista e consumista como é a sociedade circunscrita pelo capitalismo, *Moana* resgata a importância do coletivo, das tradições, do respeito ao outro, mostrando como se enriquece o ser humano ao conviver com as diferenças, incluindo as geracionais.

Referências

ALVES, Rubem. **As cores do crepúsculo: a estética do envelhecer**. 8. ed. Campinas: Papirus, 2008.

ANDRADE, Daniela B. S. Freire. O potencial narrativo dos lugares destinados às crianças: incursões do grupo de pesquisa em psicologia da infância GPPIN. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 16-21, abr. 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922015000100016&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 fev. 2018.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BALTES, Paul. On the incomplete architecture of human ontogeny.

Selection, optimization, and compensation as foundation of developmental theory. **American Psychologist**, v. 52, n. 4, p. 366-380, 1997.

BALTES, Paul; Staudinger, Ursula. **Interactive minds. Life-Span perspectives on the social foundation of cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018. (recurso digital)

CAMARNO, Ana Amélia, KANSO, Solange. Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica. In: FREITAS, Elizabete Viana de e PY, Lígia. **Tratado de geriatria e gerontologia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016. p. 52-65.

CAMARANO, Ana Amélia. **Brasil em 2050: debatendo previdência e envelhecimento** [PowerPointSlides]. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/a-camara/estruturaadm/altosestudios/pdf/apresentacao-da-sra-ana-amelia-camarano>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

CÍCERO, Marco Túlio. **Saber envelhecer seguido de A Amizade**. Coleção L&PM Pocket, vol. 63. Porto Alegre: L&PM Editores, 1997.

CÔRTE, Beltrina, FERRIGNO, José Carlos. Programas Intergeracionais: estímulo à integração do Idoso às demais gerações. In: FREITAS, Elizabete Viana de e PY, Lígia. **Tratado de geriatria e gerontologia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016, p. 1527-1534.

DOLL, Johannes. Gerações: um olhar para o problema das gerações, de Karl Mannheim. **Revista Portal de Divulgação**, v.28, p.43-49, 2012.

ENROLADOS. Direção de Nathan Greno. USA, Walt Disney Pictures, 2011. 1 DVD, son., color, 110 min.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 7.ed. rev. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

GURSKI, Rose; PEREIRA, Marcelo Ricardo. A experiência e o tempo na passagem da adolescência contemporânea. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 27, n. 3, p. 429-440, dez. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642016000300429&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 26 jan. 2018.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. In: *Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira*, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaovida/indicadoresminimos/sinteseindicossociais2010/SIS_2010.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2018.

ILCI-Brasil. **Envelhecimento ativo**: um marco político em resposta à revolução da longevidade. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2015.

MEDEIROS, Suzana Aparecida Rocha. O lugar do velho no contexto familiar. In: PY, Lígia et al.. **Tempo de envelhecer**: percursos e dimensões psicossociais. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2004, p. 185-195.

MINOIS, Georges. **História da velhice no ocidente**: da Antiguidade ao Renascimento. Lisboa: Editora Teorema, 1999.

MOANA: um mar de aventuras. Direção de Ron Clements e John Musker. USA. Walt Disney Pictures, 2016. 1 DVD, son., color, 103 min.

MORAES, Vinícius de. **Antropologia poética**. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1960.

PAULA, Marcos Ferreira de. Os idosos do nosso tempo e a impossibilidade da sabedoria no capitalismo atual. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 126, p. 262-280, jun. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-66282016000200262&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 31 jan. 2018.

PY, Lígia. A finitude em nosso dia a dia. **Youtube**. 15 ago. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Jlz>